

Sarney, o mais novo imortal da Academia

Rio, — O presidente do PDS, José Sarney, venceu com 21 votos, a eleição para ocupar a cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras. O acesso de Sarney à cadeira que tem o patrocínio do poeta Tobias Barreto, e que já foi ocupada por Santos Dumont e Graça Aranha, foi assegurado logo no primeiro escrutínio. O segundo colocado, Orígenes Lessa, recebeu dez votos. No total, votaram 38 acadêmicos, dos quais 18, por carta.

A vaga deixada pela morte do acadêmico José Américo de Almeida concorreram dez candidatos. Joaquim Inojosa, Oscar Mendes e Rolando Monteiro obtiveram dois votos. Um voto foi dado ao candidato Altamiro Requião. A eleição do presidente do PDS durou exatamente 20 minutos.

Concorreram ainda a vaga da cadeira, 38 o crítico Walmir Ayala, o poeta e romancista pernambucano Diógenes Magalhães, o professor de Direito paraense Sílvio Augusto de Bastos Meira e o carioca José de Deus Barbosa de Jesus.

O escritor e político louvado pela crítica

José Sarney político de sucesso e escritor louvado pela crítica, chega à Academia Brasileira de Letras aos cinquenta anos de idade e com três livros na bagagem literária. O primeiro - "Canção Inicial" - reúne os poemas do escritor estreado, editado na década de cinquenta, quando Sarney ainda vivia no Maranhão, sua terra Natal. Nesta época iniciava-se também no jornalismo e na política. Eleito Deputado Federal depois de ter vivido no Rio de Janeiro como repórter político, José Sarney como que encostou a pena. Absorvido pela política sacrificou, de certo modo, sua produção literária, escrevendo esporadicamente.

Em 1963, Sarney elegeu-se governador do Maranhão e entre um despacho e outro, nas calmas noites de São Luiz, no Palácio dos Leões, dedicou seu tempo à elaboração de novelas e contos que seriam reunidos, ao fim do seu Governo, no volume "Norte das Águas", editado pela Livraria Martins. Neste livro, que teve recentemente uma segunda edição pela Artenova, o autor debruça-se sobre a vida do povo maranhense. É um profundo e acabado retrato do homem rural maranhense que Sarney conheceu nas margens do Rio Pericumã, nas grandes várzeas alagadas e nos palmeirais imensos da selva de sua terra, o babaçu. Ora trágico, ora irreverente, "Norte das Águas" pode ser apontada como obra acabada e marcante, com lugar certo na literatura brasileira.

José Sarney ao longo de sua carreira política não deixou, porém, morrer o poeta da "Canção Inicial"; que ressurgiu no livro "Maribondos de Fogo", um vigoroso trabalho no qual novamente se faz presente a terra maranhense. E, antes de tudo, uma canção de amor à terra. O livro, inicialmente, deveria ter o título "Cancioneiro do Rio Pericumã".